

**MOVIMENTO ESTUDANTIL E DITADURA MILITAR. A
INVASÃO POLICIAL DA PUC-SP EM 1977. Juliana Rossi Duci –
Sociologia - Departamento de Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras -
Campus Araraquara.**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar histórica e politicamente a Invasão policial ocorrida em 22 de setembro de 1977, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo a fim de melhor compreender o crescimento da lógica de protesto do Movimento Estudantil (M.E) na segunda metade dos anos 70. No dia 22 foi realizado o IIIº Encontro Nacional dos Estudantes (ENE), o qual representou a criação da Comissão Pró-UNE, União Nacional dos Estudantes, posta em situação clandestina pelo AI-5, em 1968 durante o regime militar (1964-1985). O Coronel Erasmo Dias, chefe de Segurança de São Paulo, após a realização do encontro utilizou de violência e repressão na detenção de cerca de 500 estudantes que estavam no local acompanhando a reunião estudantil.

O IIIº ENE, após ser impedido de se realizar em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi realizado nas dependências da PUC-SP na parte da manhã com a presença de apenas 40 pessoas, sendo em sua maioria representantes das entidades nacionais. O Encontro ocorreu no último andar da Pontifícia na tentativa de não chamar a atenção das pessoas que por lá circulavam. O Encontro ocorreu tranquilamente e foi estabelecida a Comissão Pró-UNE, com a finalidade de articular lutas para que a maior entidade representativa (UNE) dos estudantes fosse reconstruída.

Para que os militares, comandados pelo Secretário de Segurança Pública Coronel Erasmo Dias, não soubessem da realização do Encontro e não interferissem foi chamada uma Assembléia Universitária na PUC a fim de encobrir o Encontro. Ao final desta “falsa” assembléia os estudantes (cerca de 2.000) foram avisados que o Encontro havia sido realizado e que a Comissão Pró-UNE estava formada, então é marcado um Ato Público em frente ao Teatro da PUC – TUCA - para a noite a fim de comemorar a realização do IIIº ENE. Essas informações, dadas por José Castilho Marques Neto, foram colhidas na entrevista coletiva filmada que o Grupo de Estudo Temático: Cultura e Política nos anos 70 realizou no dia 13 de fevereiro de 2006.

A realização do Ato Público não foi aceito por unanimidade, segundo Vera Paiva – liderança da tendência Refazendo, em depoimento a nossa pesquisa, no dia 11 de julho de 2006. Houve objeção acerca da realização do Ato comemorativo por que

tendências do M.E. entendiam a manifestação como uma atitude de provocação ao regime, mesmo este em fase de declínio em relação á repressão, pois com o Ato havia o risco de represália contra o movimento.

Mesmo com a não aceitação de todos, o Ato Público ocorreu e o que alguns temiam aconteceu, o Coronel Erasmo Dias comandou uma ostensiva ação militar para impedir a manifestação. Houve o fechamento dos quarteirões em torno da PUC, com tanques e a invasão de militares nas dependências da Universidade, encurralando centenas de estudantes e destruindo parcialmente as dependências da Pontifícia.

Segundo depoimentos de alguns detidos na época, como Marília Fiorillo – professora e jornalista - “os policiais encarregados da operação estavam completamente descontrolados espancando todos que encontravam pela frente”. Beatriz Tibiriçá, uma das lideranças da tendência Refazendo – hoje funcionária pública - nos conta que 16 estudantes foram feridos nesta ação e algumas estudantes foram hospitalizadas com graves queimaduras, Graziela Eugênio Augusto, Iria Visona, Maria Cristina Raduan e Maria Virgínia Finzetto.

Na grandiosa ação militar comandada por Erasmo Dias foram detidos 513 estudantes que foram levados para o Batalhão Tobias Aguiar da Polícia Militar, onde separaram os homens das mulheres. De acordo com o depoimento dado pelo jornalista Alberto Gaspar para a Revista Adusp em outubro de 2004, “Todos [homens] ficaram aguardando em um pátio a céu aberto cercado por cordões durante toda a noite”. Antes de serem liberados todos prestaram depoimento sobre a ação que participaram, e foram fichados e fotografados pelo DOPS.

Nessa ação militar dos 513 estudantes detidos, 302 homens e 212 mulheres, destes sete foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional, entre eles Henrique Sampaio Pacheco candidato pelo PT para deputado estadual em 2002 e Fernando Luciano Merli do Amaral, hoje físico e ambientalista.

Este recorte histórico é importante na medida em que não há estudos aprofundados sobre as mobilizações estudantis da segunda metade da década de 1970. Para melhor esclarecer o contexto histórico e político no qual esse fato está inserido analisamos, até o presente momento, jornais, panfletos e publicações estudantis.

Os periódicos estão sendo coletados em arquivos como: Edgar Leuenroth da Unicamp, CEDEM/CEMAP da Unesp e do Arquivo do Estado de São Paulo (DEOPS).

Baseamo-nos também em entrevistas realizadas com lideranças do movimento e com alguns detidos no episódio nos relatam as movimentações que antecederam o

Encontro e ainda as conseqüências das detenções e da realização do IIIº ENE para o Movimento Estudantil.

A partir da realização do IIIº ENE o M.E ressurgiu com grande força, diferenciando-se do significado das lutas estudantis de 1968, pois as novas lutas travadas pelo M.E da segunda metade dos anos 70 visavam as Liberdades Democráticas, em seu amplo sentido, e de acordo com os estudos realizados até o momento podemos dizer que os resultados que chegamos até agora é que nesse período houve um momento de inflexão das ações, já que a partir do episódio da PUC os estudantes e a sociedade civil começaram a se articular conjuntamente, pois a Invasão policial teve grande repercussão e possibilitou que os estudantes mostrassem para a grande massa a “fragilidade” e a possível derrubada da ditadura.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Laís e PAIVA, Vera. *Quem cala conscente!*. A Invasão da PUC e o movimento estudantil de 1977-79. Disponível em: www.pt.org.br Acesso em 20/04/06.
- CHRISPIANO, José e FIQUEIREDO, Cecília. A ECA é o principal foco de agitação da USP. *Revista Adusp*, São Paulo, nº33, 63-68, outubro 2004.
- FARIA, Glauco e PIRES, Thalita. A Liberdade e Luta chegou ao poder. *Revista Fórum*, São Paulo, nº 19, 32-34, setembro 2004.
- KOBAYASHI, Eliza M. e FIGUEIREDO, Cecília. Os álbuns do DOPS. *Revista Adusp*, São Paulo, nº33, 81-85, outubro 2004.
- PELLICCIOTTA, Mirza M. Baffi, *Uma Aventura Política: As movimentações estudantis dos anos 70*. 1997. Dissertação de Mestrado em História Social- Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- REZENDE, Darcilene Sena. *A história na mão: Periódicos universitários discentes paulistas entre 1964 e 1979*. 2003. Tese de Doutorado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

